

Editores:

Luís Cancela da Fonseca

Ana Catarina Garcia

Silvia Dias Pereira

Maria Antonieta C. Rodrigues

**Entre Rios e Mares:
um Património de Ambientes,
História e Saberes**

Tomo V da Rede BrasPor

Rio de Janeiro

2016

Entre Rios e Mares: um Património de Ambientes, História e Saberes / Tomo V da Rede BrasPor

Editores:

Luís Cancela da Fonseca

Ana Catarina Garcia

Silvia Dias Pereira

Maria Antonieta C. Rodrigues

Projeto Gráfico:

Diagramação – Luís Cancela da Fonseca /Ana Catarina Garcia

Capa – Luís Cancela da Fonseca

Fotografias da Capa:

Mértola, vista panorâmica – Rui Cunha (capa)

Crioptórtico, Mértola – Luís Cancela da Fonseca (capa e contracapa)

Impressão e Acabamento: UERJ

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CTC/C

E61 Entre Rios e Mares: um Património de Ambientes, História e Saberes, Tomo V da Rede BrasPor / Luís Cancela da Fonseca... [et. al]. – Rio de Janeiro: 2016.
202p. : il.

Bibliografia.

ISBN 978-85-5676-008-1

1. Homem – Influência sobre a natureza. 2. Meio ambiente – Costa – Brasil. 3. Meio ambiente – Costa – Portugal. 4. Recursos aquáticos – Utilização. 5. Assentamentos humanos – Aspectos ambientais – Aspectos culturais. I. Cancela da Fonseca, Luís. II. Garcia, Ana Catarina. III. Pereira, Sílvia Dias. IV. Rodrigues, Maria Antonieta da Conceição. V. Título.

CDU 504(81+469)

SUMÁRIO

COMITÊ DE REVISORES CIENTÍFICOS	5
AGRADECIMENTOS	7
APRESENTAÇÃO	9
PREFÁCIO	11
TEMA I	13
<i>ALTERAÇÕES NATURAIS E INDUZIDAS PELO HOMEM - IMPACTOS</i>	
CAPÍTULO I	15
AMÊIJOA-JAPONESA, UMA NOVA REALIDADE NO ESTUÁRIO DO RIO TEJO: PESCA E PRESSÃO SOCIAL E IMPACTO SOCIO-ECONÓMICO	
CAPÍTULO II	31
ANELÍDEOS POLIQUETAS COMO ISCO VIVO: CARACTERIZAÇÃO DA ATIVIDADE DE APANHA EM AMBIENTES SALOBROS COSTEIROS PORTUGUESES	
CAPÍTULO III	45
DE AVEIRO E FIGUEIRA DA FOZ (PT) PARA ARRAIAL DO CABO (BR): INFLUÊNCIA DE TÉCNICAS PORTUGUESAS NA SALICULTURA DA LAGUNA DE ARARUAMA, RIO DE JANEIRO, BRASIL	
CAPÍTULO IV	63
PESCA ARTESANAL COSTEIRA: UM OLHAR DAS INTERAÇÕES SOCIOECONÔMICAS SOBRE ESSA ATIVIDADE NO SUL DA BAHIA, BRASIL	
CAPÍTULO V	79
AS ARTES DA PESCA DA FREGUESIA DA ORTIGA-MAÇÃO (MÉDIO TEJO) PORTUGAL: A MUSEALIZAÇÃO COMO CONTRIBUTO PARA O ENRIQUECIMENTO DAS PAISAGENS CULTURAIS	
CAPÍTULO VI	91
DENTES E TUBÉRCULOS: UM FOCO DE DOMESTICAÇÃO DE PLANTAS NO LITORAL DO RIO DE JANEIRO, BRASIL	
TEMA II	107
<i>RESULTADOS DA AÇÃO HUMANA NA MOLDAGEM DE LITORAIS ATUAIS</i>	
CAPÍTULO VII	109
ANGRA, FUNCHAL E BAÍA. CONTRIBUTO PARA UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA GÊNESE DOS NOVOS PORTOS ATLÂNTICOS DO IMPÉRIO PORTUGUÊS	

CAPÍTULO VIII	129
ASSOREAMENTO DA PORÇÃO SUL DA ENSEADA DA JAPUÍBA - ANGRA DOS REIS – RIO DE JANEIRO	
CAPÍTULO IX	147
PERCEPÇÃO DA EROSÃO COSTEIRA NA PRAIA DO ICARAÍ (CUACAIA - CE, BRASIL) USANDO A RESPOSTA COGNITIVA DOS ATORES SOCIAIS	
CAPÍTULO X	163
A COSTA DE SOFALA ENTRE OS SÉCULOS XVI-XVIII: PRESENÇA PORTUGUESA, ALTERAÇÕES AMBIENTAIS E IMPACTOS NA PAISAGEM	
TEMA III	177
<i>ESTUDOS DA OCUPAÇÃO HUMANA DOS TERRITÓRIOS</i>	
CAPÍTULO XI	179
MÉRTOLA E O GUADIANA. UMA CHARNEIRA ENTRE O MAR E A TERRA	
CAPÍTULO XII	193
CAMINHOS PARA PROTEÇÃO DOS BABAÇUAIS E DOS SEUS DETENTORES CULTURAIS	

COMITÊ DE REVISORES CIENTÍFICOS

- Ana Catarina Garcia (Centro de História d’Aquém e d’Além Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, Portugal)
- Ana Paula Guimarães (Instituto de Estudos de Literatura e Tradição - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Portugal)
- Ana Ramos Pereira (Instituto de Geografia e Ordenamento do Território e Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, Portugal)
- Antonieta Reis Leite (Centro de História d’Aquém e d’Além Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Portugal)
- Carlos Rios (Arqueologia Subaquática, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil)
- César Andrade (Departamento de Geologia, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e Instituto Don Luiz, Portugal)
- Cláudia Gutterres Vilela (Instituto de Geociências, Departamento de Geologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil)
- Egberto Pereira (Faculdade de Geologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)
- Emiliano Castro de Oliveira (Departamento de Ciências do Mar - Campus Baixada Santista, Universidade Federal de São Paulo, Brasil)
- Gláucia Malerba Sene (Departamento de Arqueologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)
- Hermínio Ismael de Araújo Júnior (Faculdade de Geologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)
- Joana Gaspar de Freitas (Instituto de Estudos de Literatura e Tradição - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa e Centro de História, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Portugal)
- João Alveirinho Dias (Centro de Investigação Marinha e Ambiental, Universidade do Algarve, Faro, Portugal)
- João Pedro da Cunha Ribeiro (Departamento de História da Faculdade de Letras e Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Portugal)
- José Manuel Damião Soares Rodrigues (Departamento de História da Faculdade de Letras e Centro de História da Universidade de Lisboa, Portugal)
- Lená Menezes (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)
- Luís Sousa Martins (Instituto de Estudos de Literatura e Tradição, Universidade Nova de Lisboa, Portugal)
- Luiz Oosterbeek (Instituto Politécnico de Tomar, Grupo Quaternário e Pré-História, Centro de Geociências, Universidade de Coimbra e Instituto Terra e Memória, Portugal)
- Marcos Bastos Pereira (Faculdade de Oceanografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)

Maria Antonieta da Conceição Rodrigues (Departamento de Estratigrafia e Paleontologia, Faculdade de Geologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)

Maria da Conceição Freitas (Departamento de Geologia, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e Instituto Don Luiz, Portugal)

Maria Rosário Bastos (Universidade Aberta e Centro de Estudos da População Economia e Sociedade, Porto, Portugal)

Mônica Ferreira da Costa (Departamento de Oceanografia, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil)

Paulo Seda (Departamento de Arqueologia, Laboratório de Estudos e Pesquisas da América Antiga, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)

Paulo Vasconcelos (Instituto Português do Mar e da Atmosfera, Olhão, Portugal)

Tomaz Ponce Dentinho (Departamento de Ciências Agrárias, Universidade dos Açores, Angra do Heroísmo, Portugal)

Ulisses Miranda Azeiteiro (Universidade Aberta - Porto, Portugal)

Vladimir José Luft (Departamento de Arqueologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)

AGRADECIMENTOS

No ano de 2015, nos dias 5 a 8 de Outubro, os membros da Rede BRASPOR e todos aqueles que se lhes quiseram juntar reuniram-se em Mértola, nas margens do Guadiana. Este encontro científico só foi possível graças aos apoios generosos de algumas instituições. Assim, os nossos sinceros agradecimentos à Fundação para a Ciência e Tecnologia, pelo financiamento desta iniciativa (através do IELT, FCSH); e à Câmara Municipal de Mértola, em particular ao Senhor Presidente Paulo Jorge Colaço Rosa, pelo apoio institucional e logístico, determinante para o sucesso do evento. Destacamos a disponibilidade, eficiência e amabilidade dos funcionários da Câmara – em particular Manuel Passinhas - na preparação e acompanhamento do Encontro. Os nossos colegas do Campo Arqueológico de Mértola foram anfitriões excepcionais (como sempre) tratando de todos os pormenores para nos bem receber na sua terra. Os nossos agradecimentos ao Dr. Cláudio Torres e à Dr^a. Susana Gómez por todo o trabalho que envolveu esta reunião em Mértola.

Contámos, neste V Encontro da Rede BRASPOR, com o patrocínio de algumas empresas – a Delta Cafés, a Duorum Vinhos SA e a Mútua dos Pescadores - às quais muito agradecemos. Em relação aos nossos patrocinadores é preciso salientar a colaboração do Engenheiro José Maria Soares Franco, da Duorum, que apoiou calorosamente esta iniciativa. E, a Mútua dos Pescadores, em particular o Dr. Adelino Cardoso, Diretor da Ação Cooperativa e Comunicação, e a Dr^a. Maria do Céu Baptista,

Conselheira Cultural, que muito contribuiu para a realização deste evento. Para além do apoio financeiro, à Mútua dos Pescadores devemos ainda a disponibilização da Exposição Itinerante “*Celebração da Cultura Marítima*”, que esteve acessível ao público, na sede do Campo Arqueológico de Mértola, durante alguns meses.

A reunião em Mértola, os trabalhos desenvolvidos e a presente edição tiveram ainda o apoio de alguns centros de investigação portugueses, nomeadamente o Instituto de Estudos de Literatura e Tradição – Patrimónios, Artes, Culturas (IELT), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, que assegurou o secretariado do evento; o Centro de Ciências do Mar e do Ambiente (MARE), Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa; o Centro de Estudos Marinhos e Ambientais (CIMA), Universidade do Algarve; o Campo Arqueológico de Mértola; e o Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade (CEPESE). A Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), tal como em anos anteriores, ofereceu suporte para a pesquisa e deslocação de alguns membros brasileiros da Rede.

Para o fim, deixamos um agradecimento especial aos autores e aos revisores científicos deste volume, que contribuíram com os seus trabalhos, críticas e sugestões para tornar possível o lançamento de mais uma obra sob a chancela da Rede BRASPOR.

O V Encontro da Rede BRASPOR realizou-se, em 2015, na vila de Mértola (Portugal). Longe do mar é certo, mas perto do rio, o Guadiana, que durante séculos permitiu o contacto entre a orla litoral e as populações serranas do Algarve e Baixo Alentejo. Mértola foi urbe importante desde tempos remotos graças ao seu porto. Toda a sua história, aliás, é testemunho da relação estreita (e vital) entre as zonas costeiras e as bacias hidrográficas, quer do ponto de vista geográfico, quer económico, social e cultural. Comunidades, rio e mar entrelaçam-se num mesmo espaço híbrido, produto comum da natureza e da sociedade. Um território inspirador e com conexões evidentes às temáticas e a interdisciplinaridade da Rede BRASPOR.

Este livro é resultado do labor coletivo dos membros da Rede e não só, aqui se reúnem alguns dos trabalhos elaborados a partir das comunicações apresentadas e discutidas no V Encontro. O objetivo primeiro destes encontros e das publicações que se lhes seguem é obviamente o de dar mais visibilidade aos estudos efetuados no âmbito da Rede, mas não só. Num momento crucial em que se questiona a pertinência de reuniões que implicam longas deslocações, com custos financeiros e ambientais significativos, que podiam ser substituídas por conferências em online – via Skype –, por exemplo, é preciso destacar a relevância daquelas. Lembrando, para isso, que a BRASPOR é uma rede informal de investigadores – não de instituições – que teve início através de contactos pessoais e da vontade individual de trabalhar em conjunto com outros investigadores, juntando pessoas de distintas áreas para fazer (melhor) ciência. E sendo esta feita por homens e mulheres, estes ainda preferem trocar impressões, partilhar experiências e divulgar conhecimentos, por contacto direto. É que nas reuniões da BRASPOR não se apresentam apenas projetos e trabalhos, mas há um convívio que é fundamental para que se estabelecem as bases de novas ou continuadas parcerias. O que leva a uma

outra questão, uma das mais-valias desta rede, a troca intergeracional e transdisciplinar. É que nela não há barreiras entre professores e alunos, investigadores seniores e investigadores em início de carreira, gente das Ciências ou das Humanas. Porque a diversidade é grande e o tema comum cria-se um ambiente particularmente rico de onde saem novas ideias, parceiros, métodos e abordagens, que depois cada um aproveita, explora e investe no seu trabalho, desenvolvendo-o, melhorando-o. Porque todos se conhecem é possível, num sistema de interajuda, contar com a colaboração de vários especialistas, de áreas distintas, para responder a dúvidas ou discutir questões metodológicas, por exemplo. É mais fácil assim criar equipas internacionais e pluridisciplinares para integrar projetos comuns. Ouve-se muito, em conferências, colóquios e simpósio internacionais, que é preciso integrar as Ciências Sociais e Humanas nos debates relacionados com Ambiente e a Sustentabilidade. Em todos estes espaços de discussão se salienta que o diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento é fundamental para a resolução dos problemas e desafios que se colocam ao futuro da Humanidade. Contudo, são ainda muitos os entraves, até porque a nível académico e das instituições de financiamento tudo se define em função de disciplinas e dos seus campos de saber. Na Rede BRASPOR valorizam-se os contributos que cada um, com os seus conhecimentos específicos, pode trazer para o grupo. A visão plural e holística das questões ambientais é uma realidade no seio desta Rede e a sua continuidade é a maior aspiração dos seus elementos.

Joana Gaspar de Freitas
Coordenadora Adjunta da Rede Braspor
Instituto de Estudos de Literatura e Tradição –
Patrimónios, Artes, Culturas
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade NOVA de Lisboa

Os recursos naturais explorados nas zonas costeiras desde a mais remota antiguidade estão relacionados essencialmente com a alimentação e com o mar como via de comunicação. Assim permaneceu até aos nossos dias, embora, entretanto, tenham surgido outras formas de exploração do litoral, nomeadamente produção de energia, mineração, mas também turismo, deposição e diluição de resíduos, desportos que de natural pouco ou nada têm. Neste contexto, não surpreende que a maior parte dos artigos deste volume esteja directa ou indirectamente relacionada com a exploração de recursos vivos marinhos.

É o caso do artigo de João Ramajal *et al.*, que incide na exploração de moluscos bivalves no estuário do Rio Tejo, com particular ênfase na amêijoia-japonesa a qual, recentemente, teve grande dispersão espacial, e que, devido à quebra de rendimento da atividade de apanha de outros bivalves, apresenta grande aumento do número de apanhadores desse tipo de amêijoia, induzindo, inclusivamente, o uso de novas artes de pesca. Também se relaciona com as actividades pesqueiras o artigo de Pedro Fidalgo e Costa *et al.*, que tem como tema a captura de isco vivo em sedimentos intertidais portugueses, particularmente de anelídeos poliquetas para utilização, quer como isco vivo, quer como suplemento alimentar em actividades de aquacultura, o que constitui importante fonte de rendimento para as populações que vivem junto à costa.

A contínua prossecução de actividades pesqueiras nas zonas costeiras propiciou um assinalável desenvolvimento económico e cultural que, apenas pode ser cabalmente compreendido, tendo em consideração as suas raízes históricas. É nesta linha que Olegário Nelson Azevedo Pereira *et al.*, desenvolveram o seu artigo, focalizado na laguna de Araruama, no Rio de Janeiro, que tenta identificar as origens das actividades de salicultura. Como é evidente, a pesca artesanal tem

especificidades decorrentes dos ambientes económicos regionais, dos aspectos humanos locais e das particularidades ecossistémicas. É neste âmbito que surge o artigo de João Carlos Pádua Andrade *et al.*, que analisa as interações socioeconómicas da pesca artesanal na região sul do Estado da Bahia, identificando vários obstáculos causados pela dinâmica das interações humanas.

Mas o meio fluvial é, também, importante fonte de recursos alimentares. Embora afastado do mar, devido a relações de dependência, as actividades que aqui decorrem são importantes para bem compreender a evolução das zonas costeiras. Pode dizer-se que as actividades pesqueiras no rio Tejo foram importantes desde sempre, tendo contribuído para o desenvolvimento de culturas materiais e imateriais de grande interesse. É neste contexto que se insere o artigo de Luís Mota Figueira *et al.*, que, na freguesia da Ortiga-Mação, no médio Tejo, se debruça sobre as alterações antrópicas que aí ocorreram e condicionaram a paisagem natural, contribuindo para o desenvolvimento da cultura dessas comunidades, que, através do Centro Etnográfico de Ortiga, se tenta agora compreender, resgatar e tornar duradouro, designadamente no que se refere à cultura da produção de barcos e utensílios de pesca.

Todavia, os recursos alimentares das zonas costeiras não se restringem aos marinhos e fluviais. Com frequência, incluem grandes áreas aluvionares que podem ser muito ricas do ponto de vista agrícola. Tal foi percebido desde a antiguidade, pelo que a agricultura nasceu, precisamente, na dependência das aluviões fluviais. Nalguns casos tal verificou-se mesmo em zonas costeiras. É isto que Paulo Seda, apoiado em evidências indirectas, tende a demonstrar assumindo que entre 2.000 e 1.500 anos a.C., já se iniciara o cultivo de tubérculos no litoral do Rio de Janeiro.

Porém, o recurso marinho mais explorado desde a Antiguidade foi o mar, designadamente

como via de comunicação, para o que foi necessário, sempre, ter nas zonas costeiras as estruturas adequadas ao embarque e desembarque de mercadorias e passageiros, que servissem simultaneamente de locais de abrigo durante temporais ou ataques inimigos. Portanto, a análise da seleção de locais para desenvolvimento de portos tem grande relevância, sendo este o tema do artigo de Ana Catarina Garcia, em que se tenta deduzir o conjunto de características comuns aos portos estabelecidos durante a expansão marítima portuguesa no Atlântico, nos séculos XV-XVI, tendo como referência os casos de Angra, nos Açores, do Funchal, na Madeira, e da Bahia, no Brasil.

Todavia, todas as actividades que decorrem nas zonas ribeirinhas marinhas estão, de uma ou de outra forma, profundamente dependentes dos processos físicos, a saber, atmosféricos, oceanográficos, geológicos (e histórico-culturais, claro está) que tipificam essas zonas costeiras. Por outras palavras, dependem do abastecimento sedimentar proveniente das bacias hidrográficas e da forma como esses sedimentos são transportados ao longo do litoral, das irregularidades costeiras que propiciam a sua acumulação ou erosão, e do modo como são remobilizados por eventos de alta energia. Esse é o tema abordado no artigo de Yury Simen Souto Vieira *et al.*, que incide na Enseada da Japuiba, localizada na Baía da Ilha Grande, no Rio de Janeiro. Na mesma linha, vem o artigo de Davis Pereira de Paula *et al.*, focalizado na Praia do Icaraí, no Estado do Ceará, mas este tendo também em consideração a percepção dos atores sociais quanto à erosão costeira, as medidas de prevenção (as chamadas estruturas de defesa costeira) e as políticas públicas adotadas na região.

As zonas costeiras como hoje as conhecemos são o resultado de uma longa evolução física e humana. É a interacção entre as duas que acaba por gerar culturas e identidades específicas. É, portanto, de grande importância definir bem como se processaram essas evoluções. É neste mote que é desenvolvido o artigo de Ana C. Roque, que toma como exemplo o estabelecimento dos portugueses na costa de Sofala, em Moçambique, e as alterações ambientais que nela ocorreram entre os séculos XVI-XVIII, cujas consequências se fazem sentir ainda nos dias de hoje.

Como se referiu, zonas costeiras e bacias hidrográficas constituem duas facetas de uma mesma realidade, havendo fortes relações de interdependência entre ambas. Tal está implícito no artigo de Susana Gómez *et al.*, que reflete o caso de Mértola, no Guadiana, até onde o rio é navegável. Tal transformou esta povoação num ponto de ligação entre rotas terrestres e marítimo-fluviais, com funções eminentemente comerciais e de articulação do tráfico regional de pessoas e bens.

Esta percepção de que não é possível perceber adequadamente as zonas costeiras sem ter em devida consideração as bacias hidrográficas é essencial. Por essa razão, tem relevância o artigo de Marielle Rodrigues, que se debruça sobre os babaçuais (o babaçu é uma planta da família das palmáceas) da região norte do Tocantins, com importância económica para os povos tradicionais da região. Embora bastante afastada do litoral, aí se construiu interessante património cultural e ambiental, que importa preservar, e que, de uma ou de outra forma acaba por ter reflexos nas zonas costeiras a jusante.

Em conclusão podemos aferir que a globalidade dos trabalhos ora apresentados se focaliza sobre os aproveitamentos e exploração das zonas costeiras, estuarinas e de aluvião sendo este o leitmotiv que confere unidade à temática proposta para o Vº Encontro da Rede Braspor: “*Entre Rios e Mares: um Património de Ambientes, História e Saberes*”.

Maria Rosário Bastos
 Coordenadora Portuguesa da Rede Braspor
 Professora Auxiliar da Universidade Aberta